



O ATIVISMO SÓCIO-ESPACIAL DOS BLACK BLOCS NO BRASIL (2013 – 2016)

Luryan de Moura
Universidade Federal Fluminense
Luryangeografiauff@gmail.com

Glauco Bruce Rodrigues
Universidade Federal Fluminense
glauco_bruce@id.uff.br

1 – INTRODUÇÃO

A ação social nunca foi descolada do espaço, logo, o socius tem uma óbvia espacialidade. Para Souza (1995, p. 26) espaço e sociedade não podem ser vistos como dois elementos autônomos de um conjunto, dois entes separáveis. Essa espacialidade do social nos faz compreender como esses dois conceitos, para alguns, são dados como diferentes, ora antagônicos, contudo são complementares e indissociáveis (SOUZA 1998; ROGRIGUES e GONÇALVES, 2002). Sendo assim, iniciamos uma busca por uma mais ampla compreensão das estratégias específicas de uma tática de ação coletiva denominada: Black Bloc.

No título deste artigo já encontramos um termo que inicialmente nos instiga apresentado por SOJA (1993) como: dialética sócio-espacial, sendo a compreensão do espaço e o social como termos que não devem estar separados, pois não existe um sem o outro: estão contidos no mesmo processo, dependem de si de forma mútua. Ou seja, está mais que claro que ação social Black Bloc possui uma geograficidade, pois suas ações se localizam em pontos específicos da cidade e as estratégias possuem uma razão de ser. Como nada está descolado do espaço, para atribuir segurança sobre o assunto, de que a geografia dá sim, conta de explicar estratégias de ação no espaço por indivíduos políticos estabeleceremos um recorte espaço-temporal.

Trataremos de analisar o início mais marcante de tal estratégia: Jornada de Junho 2013 no Brasil, onde em zonas específicas de centros urbanos no Brasil eclodiram manifestações marcadas pela heterogeneidade das massas movidas pelas tensões de aumento das tarifas, gastos com mega eventos, sucateamento na educação, e



um contexto de, como diria RAMOS (2012), (hiper)precarização do trabalho, dentre tantas outras causas particulares ou coletivas que representaram maneiras distintas de se colocar no mundo e novas formas de se pensar/fazer conflito.

Tratando-se da contextualização histórica da tática, que através da ação em rede, vem de outros lugares e surge nos anos 80 na Alemanha, num período de flexibilização e avanços das telecomunicações, partindo inicialmente de um grande centro de informação da Europa onde múltiplas tensões se dão. Sem muito esforço, se for elaborado uma busca e uma contextualização mais precisa sobre essa forma de ativismo sócio-espacial, veremos a direta influência de novas tecnologias e novas possibilidades de socialização.

A tática também se encontra nos Estados Unidos e outros grandes centros da Europa, como por exemplo, a Inglaterra. No Brasil o Black Bloc (in)surge com um forte brado nas Jornadas de Junho e tem maior intensidade de adeptos em alguns centros de técnica e informação como as principais capitais brasileiras. Já por ai vemos uma clara geograficidade: Os conflitos não se deram de maneira aleatória no espaço, por mais que a estratégia seja a ação direta, os espaços de ação foram seletivamente escolhidos pelos manifestantes, locais estes que colocavam a questão mais exposta possível à grande mídia.

Na tática, os entrevistadores Solano, Manso e Novaes do livro Mascarados – A verdadeira história dos adeptos da tática black blocs, encontraram indivíduos que discursam embasamento teórico em ideias libertárias e autores anarquistas clássicos. Alguns manifestantes Black Blocs são inspirados pela autonomia, autogestão, o desejo pela supressão de toda e qualquer heterotomia, O Direito à cidade (Henri Lefebvre, 1968), expropriação da propriedade privada, etc. Tudo isso está contido de alguma forma no discurso e na ação do Black Bloc no Brasil (2013 a 2016), claro que ainda na atualidade, novos conflitos surgem e novas questões são levantadas e reafirmadas até o período de 2017. Porém, para que as ações sejam concretizadas é preciso unir a vontade de transformar com a urgência de se transformar. Como podemos ver que:

“O que faz com que as pessoas se juntem, organizem-se, construam identidades coletivas e estratégias de luta? É necessário que



existam, efetivamente, condições objetivas de miséria, desigualdade, tirania, violência, arbitrariedades, etc, para que as pessoas tenham contra o que lugar, se indignar e se rebelar. No entanto, isto não basta. Não basta a existência de miséria, pobreza, concentração de terras, racismo, violência policial, genocídio, destruição de culturas indígenas, exploração de trabalhadores para que existam movimentos sociais, protagonismo social. É necessário que exista primeiro o interesse dessas pessoas em mudas tais condições. (RODRIGUES, 2012)

As vidraças estilhaçadas são estratégias para atingir símbolos do capital, ou seja, a “violência” Black Bloc é pensada e direcionada. São os grandes bancos e grandes agências que são atingidas por esses manifestantes. Ora, esses bancos e esses símbolos não ocupam certos espaços da cidade e são evidentemente especializados? O que vemos é a luta de agentes que estão em desvantagens e buscam formas instituintes de colocar em questão suas próprias pautas. Já os menos alienados são preenchidos de indignação com os gastos públicos com megaeventos do Brasil, que são construídas por superfaturamentos e de ponto mais latente, a remoção de mais de 60 mil pessoas de seus lugares de afetividades jogadas à lugares distantes de toda sua vivência.

2 – OBJETIVOS

O black Bloc vem como um elemento urbano que busca extrapolar os limites da sociedade instituída, que busca ir além dos limites de uma democracia representativa. É preciso romper com a visão de sobrevoo (Souza, 2012) dos ativismos sociais. Visão de sobrevoo esta que olha o espaço na lógica das grandes estruturas e engessa o indivíduo de agir. Nota-se que esse ativismo compartilha ideais libertários quando tenta propor novas formas de se fazer cidade, o que podemos categoriza-lo como um ativismo autônomo, já que “exclui a lei como imutável. (castoriadids). Através de uma ação direta e direcionada ao Estado e à símbolos do capital, todas as construções que estão espacializadas e representam repressão.

O Black bloc está dentro dos limites estabelecidos pela cidade e fica muito claro que dentro de um mesmo Estado instituído por fronteiras jurídico-políticas, surgem tipos de ação que vão contra ao estado homogeneizador e as estruturas vigentes, o que é extremamente necessário para o movimento da sociedade, que precisa dos conflitos e suas contradições para se (re)produzir. Para Souza (1995) Ainda, é preciso considerar



que um mesmo Estado contém, sempre, territorialidades distintas e conflituosas estado (e seu território) é, assim, uma identidade de contrários na medida que, sempre, abriga múltiplas territorialidades (...) Isso quer dizer, que insurgirão no território, fluxos que buscam romper com as estruturas instituídas.

Souza (2006) distingue os ativismos urbanos em duas categorias: *lato sensu*, que são ativismos que apesar de se desenrolarem num espaço geográfico, não colocam o espaço em si como pauta de suas ações, sendo as lutas por igualdade de gênero exemplos disso. E *stricto sensu*, onde encontramos o espaço como elemento central, que está claramente levantado nas pautas reivindicadas, sendo a luta por moradia é um bom exemplo disso. Neste caso, o Black Bloc se dá como ativismo urbano *stricto sensu*, pois em suas pautas e reivindicações foram encontrados elementos que remetem a espacialidade. Buscam uma transformação efetiva das rígidas estruturas impostas no urbano.

3 – METODOLOGIA

Para compreender cada conflito, foi elaborada uma forma de sistematização no qual este é lido, analisado, estudado e colocado em uma planilha para se obter uma melhor visualização. Sendo assim, cada conflito tem sua singularidade e é atribuído com um número de ordem. Surgiram a partir disso, formas de manifestação e protagonistas que destoaram do perfil de manifestantes, esses destoantes, possuíam pautas e formas de manifestações específicas. Na classificação, há atributos que vão desde as datas dos conflitos até mesmo o tipo de manifestação, manifestantes, e estratégias de manifestação.

Cada conflito tem seu valor e um número de ordem e nessa pesquisa trataremos de analisar conflitos de natureza sócio-espacial urbana, já que a luta Black Bloc se dá na cidade e não deixa de ser um brado de direito à cidade. Nos discursos das entrevistas com Black Blocs em São Paulo, encontramos discursos políticos e de consciência política: reivindicação aos gastos com mega-eventos, MPL (Movimento Passe Livre), conjuntura política, trabalho (hiper)precarizado, etc.



A prática Black Block não deixa de conter a práxis libertária: É anticapitalista, autogestionária e anti-estatal. E outra reflexão que podemos fazer, é como a desigualdade social está claramente espacializadas e esses ativismos buscam romper com essas formas instituídas, já que desigualdade social e de poder é espacial, e o espaço está extremamente relacionado com o poder (foucault, 1998; Castoriadis, 1988), logo desigualdade de poder traduz em desigualdade de participação no poder instituído.

Para Castoriadis (1988) a liberdade, a autonomia, implica necessariamente a participação ativa e igualitária em todo o poder social que decide os problemas comuns. Eles quebram estruturas públicas e privadas porque não aceitam a imposição e por saberem que não constroem coletivamente a cidade. São como “uma coletividade autônoma, pois querem dar para si as próprias leis, construir uma sociedade participativa. Essas formas de engajamento social, são um grande elemento para a transformação, pois se as estruturas aceitassem de forma pacífica tudo que se é imposto não haveria transformação e construção do novo.

Para estudarmos ativismo Black Bloc no Brasil (2013 – 2016) é necessário o estabelecimento de tempos auxiliares. Primeiramente vamos entre os anos 60 e 70 e depois para os novos tipos de movimentos, novas formas de ocupar o espaço dos anos 90. Para nos relacionarmos com outros espaços-tempos e compreender a ação, é preciso utilizar uma categoria fundamental na ciência geográfica: As escalas geográficas.

O conceito de escala é polissêmico, perpassa pela geografia em suas diversas faces na história do pensamento geográfico. Com o avanço da modernidade, esse conceito vai “se abrindo”. A ideia de escala surge de um suposta diferenciação de área. “A diferenciação sócio-espacial é necessária e inevitável, parte integrante da ação humana.” (CORREA, 2007:62) Sendo assim, entendemos que diferenciação sócio espacial existe e é extremamente necessária à geografia que buscamos é romper com a visão de sobrevôo..

A visão (apenas) de sobrevôo nada mais é do que uma visão superficial, sem considerar os agentes sociais, é uma visão de como as cidades são planejadas, excluindo as opiniões populares. Não se pode também, dirigir um olhar de sobrevôo para um



ativismo, pois se o sobrevoo nos bastasse, já estaríamos satisfeitos com as atribuições instituídas pela mídia ao ativismo como baderneiros e despolitizados.

Para conferir sentido a realidade, usamos as peridiozações, outras ações que se deram em outros espaços-tempos e fazemos uma aproximação e afastamento do conflito, buscando causas que explique ou que motivem um novo conflito e a partir disso a função da escala, articular o todo, já que entender a totalidade se tornaria algo impossível.

Rompendo com a visão que se limita ao sobrevôo, Souza (2001) propõe três maneiras de se pensar escala. Tratando-se da escala do fenômeno ou processo, analisamos os pontos específicos nos centros de capitais como Rio de Janeiro e São Paulo. A dimensão espacial do conflito Black Bloc se deu em lugares expostos, como a Catedral da Sé, a Avenida Paulista, Avenida Rio Branco, praças, as ruas, câmaras municipais, ou seja, os lugares onde efetivamente os conflitos se espacializaram.

Já para utilizarmos a escala geográfica de análise é importante estarmos ciente da multiescalaridade do espaço. Os eventos não são olhados de um único ângulo. Esses eventos tiveram uma articulação, ora em países da Europa e Estados Unidos, que através de redes de sociabilização, atingiram outros territórios do mundo. É necessário o movimento se articular, do micro ao macro, através de uma ação política e meticulosa, para atingir a tão desejada visibilidade, ainda que seja em discurso, ainda seja bastante turva a ideia de Black Bloc no Brasil. Aqui, a grande mídia abafa as pequenas que ainda se comprometem com uma notícia “limpa” e de qualidade.

Na escala de ação, a tática Black bloc ficou bastante conhecida pelo país, o que não deixou de trazer reflexões. Porém, o que vemos são ideias breves e tendenciosas, opiniões jornalísticas e não efetivas pesquisas. (A Escala de ação é o que o conflito atinge, neste caso, o território nacional em sua maioria e ainda há notícias que o alcancem outros centros de técnica e informação do mundo. Incorporo aqui ideias do (GRANDI, 2012) onde o autor diz que a própria luta pode ser compreendida como uma categoria escalar. Isso quer dizer, que as escalas podem analisar as potencia de um fenômeno. Podemos assim, articular escalas na própria ação.



Podemos tanto analisar, tanto utilizar a escala para conferir sentido a nossa própria ação. Como agir estrategicamente num espaço para ganhar visibilidade e legitimizar esses protestos, esses “modos de existência”?

É preciso saber o que se quer atingir para agir estrategicamente em função de onde se quer chegar e também compreender as escalas enquanto instrumentos de exercício de poder.

A escala onde se dá o conflito é local, ou micro local, porém essas ações atingem o território brasileiro quase que em sua maioria, ainda que as ações sejam mais restritas a certos pontos. A escala política desse tipo de movimento que usa da violência performática para atingir a todos, ainda que nos atinjam com diversas distorções. Esse artigo visa um esclarecimento, um olhar mais aproximado dessa tática, para que não só aos Black Blocs, sejam estudados e não limitados ao senso comum e para isso utilizamos a ciência geográfica, que tem diversas ferramentas, como por exemplo, as escalas geográficas, que ficam aqui para além de um sentido cartográfico, mas cada vez mais político.

Falhalber (2014) trás em mapas explicativos, como a região portuária do Rio de Janeiro foi redesenhada, vidas foram retiradas e desrespeitadas para proporcionar a diversão da família de classe média. O Estado através de parcerias público-privadas redesenharam o território urbano acarretaram em remoções para dar palco à Copa das Confederações, Copa do Mundo 2014 e Olimpíadas 2016. E como isso não causar indignação? Em toda tática, o Black Bloc trás explicitamente através da ação direta uma busca possível pelo rompimento com as heteronomias cotidianas e as desigualdades do meio urbano.

Ao quebrarem vidros de agências, criticam e nos fazem repensar sobre como essas estruturas nos roubam sorrateiramente com taxas de juros abusivas. SOLANO (2014) se indigna quando nos vê tão coniventes com as desigualdades diárias e sugere que sejamos inflexíveis com a violência, porém, não de maneira seletiva. Ou seja, devemos questionar todo e qualquer tipo de violência e não somente a que me atinge. Precisamos investigar as violências invisíveis.

Um regaste aos anos 90 no Brasil é uma peridiozação adequada para se buscar exemplos desses novos ativismos que revidicam a cidade. Conflitos como o dos sem teto, que reivindicam uma maneira mais justa de se pensar moradia, revoltas com as tarifas, etc. Fica então uma pertinente questão que já fora discutida em outros espaços-tempos: De que maneira podemos compreender e desmistificar um ativismo social e a sua relação com o espaço?

4 - RESULTADOS PRELIMINARES

A força dos Black Blocs não foram desacompanhadas de ações violentas da polícia militar, com troca de forças e diversos manifestastes feridos. Os policiais representam a força antagônica do Estado, que serve para que as estruturas não se transformem, ou seja, é uma força de conservação das estruturas vigentes e reafirmam as relações de poder nas cidades. Um caso de despreparo policial até mesmo intitulou um morador chamado Rafael Braga como Black Bloc, no dia 20/06/2013, em plena jornada. Através de um oportunismo, a polícia militar se apropriou de um ativismo social, para reprimir a população precarizada e incriminar Rafael B. por portar água sanitária e pinho sol, acusando de que esses artefatos seriam utilizados para baderna. Sendo assim, ele é condenado no dia 20/04/2017 pelo juiz Ricardo Coronha Pinheiro à 11 anos de prisão, o que representa para a nossa sociedade a intensa criminalização dos movimentos sociais.

O que seria se as ciências não oferecessem possibilidades de compreender um fato de maneira mais próxima e analisarmos através de diversas lentes. Está mais que claro que essa espécie de ativismo não serve ao Estado, essas são pequenas insurgências de autonomia no território das cidades. Saber como e a quem certo ativismo atinge é importante para compreender aquilo que o ativismo representa.

Os Black Blocs em diversas manifestações apareciam também com a pauta. “Cadê o Amarildo?”. O que essa frase quer dizer? Que a periferia é negra e morre diariamente cidadãos moradores de favela por violência policial. Amarildo nunca mais retornou desde que desapareceu da sua moradia desde o dia 14 de julho de 2013, e após

isso, moradores identificaram que policiais haviam capturado Amarildo. Esse desaparecimento ficou entalado na garganta desses ativistas, que em faixas procuravam uma resposta de casos de abuso de autoridade e violência policial. Questionando mais um vez as estruturas desiguais do espaço.

Outro motivo que impulsionou a ação Black Bloc na cidade do Rio de Janeiro foi o governo de Cabral que insatisfazia e indignava a população e ainda mais os Black Blocs. Cabral superfaturou diversas obras e sucateou o estado: Problemas com a Dutra, Transbaixada, todas as obras possíveis, Cabral com seus próprios interesses, desviava essas obras e não permitia que resultados positivos fossem adquiridos.

Isso gerou uma onda de revolta e ataques fervorosos.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as estratégias analisadas e categorizadas, vinham com pautas pertinentes, muitas fotografias e vídeos nos mostram todo esse agir Black Bloc que busca a transformação da cidade, romper com aquilo que nos é imposto.

Como não o Black Bloc estaria isento de discutir questões sobre o espaço? Cabe aqui neste artigo, apresentar como o Black Bloc possui um estreito diálogo com a Geografia.

6 - REFERÊNCIAS

- CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- SOUZA, Marcelo Lopes de . Espaciologia: uma objeção. In *Terra Livre*. São Paulo: AGB, no 5: 21-45, 1988a.
- _____. *O que pode o ativismo de bairro?* Dissertação de mestrado no Departamento de Geografia da UFRJ. 1988b
- _____. **Algumas notas sobre a importância do espaço para o desenvolvimento social**. In. *Território*, nº3, p.13-35. UFRJ, 1997.
- _____. O Território- sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In *Geografia: Conceitos e Temas*. Castro, I. et al. (org.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- _____. *O desafio metropolitano*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000
- _____. *Mudar a cidade*. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 2002
- SOUZA, Marcelo Lopes. 114 **DA “DIFERENCIAÇÃO DE ÁREAS” À “DIFERENCIAÇÃO SOCIOESPACIAL”**: A “VISÃO (APENAS) DE



SOBREVÔO” COMO UMA TRADIÇÃO EPISTEMOLÓGICA E METODOLÓGICA LIMITANTE *CIDADES*, v. 4, n. 6, 2007, p. 10. Rio de Janeiro

SOJA, Edward. *Geografias pós-modernas*. Jorge Zahar. Rio de Janeiro. 1993

RAMOS, Tatiana Tramontani. **As barricadas do hiperpreariado urbano: das transformações no mundo do trabalho à dinâmica sócio-espacial do movimento dos sem-teto no Rio de Janeiro**. Tese de Doutorado (doutorado em geografia) – Instituto de Geociências, Programa de Pós-graduação em Geografia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

AZEVEDO, Lena; FAUHALBER, Lucas. SMH 2016: **Remoções no Rio de Janeiro Olímpico**. Niterói: Mórula Editorial, 2014

SOLANO, Esther; MANSO, Bruno Paes; NOVAES, Willian. **Mascarados – a verdadeira história dos adeptos da tática Black Block**. São Paulo: Geração Editorial, 2014.

FOULCAUT, Michel. *Microfísica do poder*. Graal. Rio de Janeiro, 1998